

A FABULOSA ESTÓRIA  
DE ROQUE SANTEIRO  
E SUA FOGOSA VIÚVA.  
A QUE ERA SEM NUNCA TER SIDO

novela de

D I A S G O M E S

Faz já 17 anos que Navalhada e seu bando, fugitivos da Penitenciária Estadual, surgiram na vila de Asa Branca, ocupando a Prefeitura exigindo 2 carros e uma grande quantia em dinheiro para deixar a população em paz. Os moradores, miseráveis, fizeram um apelo a Sinhôzinho Malta, único homem rico do lugar. O fazendeiro cedeu os carros, mas não possuía todo aquele dinheiro em sua fazenda, apenas metade. Era preciso parlamentar com o bandido, conseguir um prazo maior. Foi quando apareceu Roque Santeiro, um jovem tímido, que fora sacristão e tinha esse apelido devido à sua habilidade em modelar santos em barro ou madeira. Roque se ofereceu para levar o dinheiro ao fascínora e convencê-lo a dar-se por satisfeito. Partiu e voltou horas depois com a resposta de Navalhada: ele tinha ficado com o dinheiro, mas não concordara em dar prazo maior que duas horas para conseguirem o restante. Findo esse tempo, saquearia a cidade. Sendo impossível conseguir o dinheiro em tão pouco tempo, o fazendeiro tratou de fugir, no que foi acompanhado por toda a população (cerca de quinhentos habitantes), à exceção de Roque Santeiro, que decidiu ficar. Tentaram demovê-lo, inutilmente. Roque se impôs a missão de defender a igreja, na qual havia algumas relíquias valiosas, da profanação dos malfeitores. Armou-se e esperou. Quando o bando de Navalhada invadiu a cidade, encontrou-o diante do templo. Travou-se um duelo desigual. Era um contra sete. Santeiro caiu morto, crivado de balas. De seu corpo foram encontrados apenas restos sangrentos, atirados no rio, a um quilômetro dali. Mas no momento em que os bandidos penetravam na igreja e levavam o ostensório de ouro maciço, caiu sobre a cidade tremenda tempestade e o sino começou a badalar misteriosamente, acionado por mãos invisíveis. Apavorados, os bandidos deram no pé. Quando a população voltou, no dia seguinte, tomou conhecimento do milagre e do sacrifício de Roque Santeiro. Tempos depois, uma criança teve uma visão: estava brincando na lama do rio, próximo ao local onde o corpo mutilado de Roque fora encontrado, quando este lhe apareceu, bezuntou suas pernas de lama e depois sumiu



numa nuvem. A criança sofria estranhas feridas nas pernas e curou-se. O novo milagre fez com que daí em diante a lama do riacho, naquele local, fosse considerada milagrosa. E os romeiros começaram a chegar, vindos de longas distancias, para bezuntar-se nelas.

### A EXPLORAÇÃO DO MITO

Com a afluência de romeiros, com a divulgação do acontecido, a vila passou a ser alvo da curiosidade geral. Escreveram-se crônicas sobre o assunto, reportagens, os cantadores cantaram em abecês que corriam de boca em boca por todo o Estado. Finalmente, um produtor cinematográfico decidiu filmar a estória fabulosa de Roque Santeiro. Nesse ponto, já a vila crescera e adquirira foros de cidade. Dezessete anos se haviam passado. Havia até um projeto, na Câmara de Vereadores pedindo a mudança de seu nome para Roque Santeiro. Uma pequena indústria se desenvolvera à sombra do mito. Imagens, medalinhas com a efígie do mártir, orações, amuletos, tudo girando em torno de sua figura e seu feito. As romarias e a afluência de turistas havia possibilitado abertura de hotéis e restaurantes. O casebre em que Roque Santeiro morara, transformado em museu dos milagres, era um dos pontos de atração, supervisionado diretamente por sua viúva. Esta, a viúva Porcina, era uma das pessoas mais influentes da cidade, elegendo prefeitos e deputados pelo prestígio que lhe dava a sua condição de ex-companheira do herói-mártir. O atual Prefeito mesmo, seu Flô, fora eleito por ela (e no entusiasmo de sua campanha chegara a pedir a canonização de Roque Santeiro, idéia repelida com toda a veemência pelo Vigário, o velho padre Hipólito). O Vigário era talvez a única pessoa na cidade a recusar-se a dar crédito aos propalados "milagres". Para ele, Roque fora apenas um mártir ingênuo e nada mais. No entanto, era obrigado a tolerar o culto,



muito a contra-gosto. O que não tolerava mesmo eram umas tantas consequências do "desenvolvimento" da cidade, tais como a boate que queriam inaugurar e as "mariposas" que começavam a aparecer. A estas, ele movia guerra de morte em seus sermões. O mesmo não se poderia dizer de Sinhôzinho Malta, nem do Prefeito, que estimulavam e consideravam esses aspectos como inevitáveis numa cidade verdadeiramente moderna e progressista.

### ESTRUTURA DA NOVELA

De início, vemos um guindaste retirando de um caminhão e alçando no ar um monumento, que coloca no centro da praça, em frente à igreja. É o monumento a Roque Santeiro, que vai ser inaugurado em breves dias. Toda a cidade se prepara para a festa que vai coincidir com dois outros acontecimentos: a inauguração da Boate Sexus e a chegada de uma equipe de filmagem para rodar as primeiras cenas da fita baseada na saga de Roque Santeiro. Toda a cidade se movimenta. O Prefeito vê no evento uma oportunidade para se promover politicamente. Já se vê Governador do estado. A viúva Porcina também está feliz, pois exigiu uma participação na fita, uma percentagem, para permitir e colaborar na filmagem, apesar de ser agora uma mulher riquíssima, dona da maior fazenda da região, depois de Sinhôzinho Malta, com quem está de casamento marcado. Malta está viúvo e acaba de conseguir, com seu prestígio político, a aprovação da verba para construção do aeroporto da cidade (este projeto vai fazê-lo ainda mais rico, pois comprou todas as terras em volta). Também a indústria nascida do mito vê uma possibilidade de grandes lucros. O filme vai aumentar a afluência de romeiros e turistas. Zé das Medalhas compra a prazo uma máquina nova e moderníssima para fabricar medalhas. E até mesmo os habitantes mais humildes sentem-se entusiasmados e orgulhosos: Asa Branca vai entrar para a História. É o que diz o Professor Astromar Junqueira, em seu



discurso no Centro Cívico Roque Santeiro.

A equipe inicia as filmagens e toda a população participa, empolgada. Temos, então, duas ações paralelas. Uma, a realidade, o cotidiano, os conflitos criados na cidade durante as filmagens. Outra, a ficção, a saga de Roque Santeiro, da qual vamos tomando conhecimento à proporção que as cenas vão sendo rodadas. Assim, enquanto padre Hipólito profere candente sermão contra a deterioração dos costumes, levando Dona Pombinha a partir, à frente de um bando de beatas, todas armadas de paus, para impedir a inauguração da boate, gerando tremendo conflito, vemos Roque enfrentando Navalhada, na cena lendária. E enquanto Matilde, a dona da boate, juntamente com as "meninas" que mandara buscar na Capital enfrentam, num corpo a corpo, a fúria das beatas, Roque cai crivado de balas e os cangaceiros saqueiam a igreja. No filme, Roque encontra Porcina, numa cidade próxima, onde foi vender seus santos, apaixona-se e casa. Volta para Asa Branca, prometendo mandar buscá-la depois. Na ação real, Roberto Mathias, o ator que interpreta Roque na fita, conquista Tânia, filha de Sinhôzinho Malta e se arrisca a levar uma surra dos jagunços do fazendeiro. Há um escândalo na cidade e Malta exige que ele se case com a filha. Mathias promete, para não morrer. Mas é casado e a mulher (de quem está se desquitando), surge na cidade, criando uma situação insustentável para ele e imensas dificuldades para o Diretor, Gerson do Vale (como se não bastassem os problemas criados pelo marido de Linda Bastos, a estrela do filme, que reclama dos beijos libidinosos dados por Mathias em sua mulher, muito além do script). Na ação filmada, vemos que Porcina foi à procura de Roque em Asa Branca e lá soube que ele havia morrido. Sinhôzinho Malta a amparara, sentindo-se no dever de fazê-lo, pois era a viúva de um homem que dera a sua vida para salvar a cidade. Na ação real, Mocinha, filha do Prefeito, ex-namorada de Roque (que sofrera um grande choque ao sabê-lo casado e mesmo assim jurara morrer virgem) mostra-se indignada por ter sido excluída



do argumento cinematográfico. O Professor Astromar, seu eterno apaixonado, procura consolá-la, esperançoso de um dia poder quebrar-lhe a resistência. Mocinha sente que Porcina tomou um lugar que lhe pertencia por direito e por isso a odeia. Historiador da cidade (escrevera um folheto em versos alexandrinos, narrando da fundação do povoado e a tragédia de Roque Santeiro), Astromar é tido como homem de grande talento, (dele dizem que, depois da meia-noite, vira lobisomem, mas ninguém até hoje conseguiu provar). Na fita, Salustiano, vaqueiro, pai de Roque, sofre uma crise de misticismo, após a morte do filho e se torna beato. Na realidade, vêmo-lo no casebre sobre estacas que construiu à beira do rio, enorme barba branca, é o Beato Salú. De lá não sai há dezessete anos. Os romeiros levam-lhe comida e dinheiro em troca de conselhos. Matilde vai se aconselhar. Que deve fazer para aplacar a fúria de Padre Hipólito e conseguir que ele permita a inauguração da boate? Ela chegara ali dois anos antes, doente e se curara. Tivera a idéia de propor ao Vigário alugar um velho Convento desabitado que havia no lugar, caindo aos pedaços, e transformá-lo numa Pousada. Sinhôzinho Malta a ajudara a convencer o padre que, não tendo recursos para fazer as obras necessárias no casarão, achou um bom negócio. Mas depois da Pousada do Sossego, sentindo falta de diversões no lugar, principalmente para os homens, Matilde teve a idéia da boate, que tantos conflitos iria provocar na cidade. Porque neste ponto o padre não cedia e ameaçava mobilizar sua legião de beatas para apedrejar o "antro de perdição" toda vez que tentassem inaugurá-lo. Já bastava o fato das "meninas" estarem hospedadas na Pousada, onde estavam também os atores e técnicos da equipe cinematográfica. Não havia a menor dúvida de que era devido a essa profanação que vinham surgindo, altas horas da noite, lobisomens e mulas-sem-cabeça na Rua do Vai-quem-quer, onde se localizava o Convento. E também não podia haver outra explicação para o que acontecera com João Ligeiro, irmão de Roque por parte de pai. João era vaqueiro, ágil no laço, duro na queda, acostumado



a domar burros selvagens, conhecido e temido como homem valente (valentia digna de seu saudoso irmão). Pois não é que, agora, com dezoito anos, João passara a engordar, a barriga a crescer, a crescer, a despeito dos remédios que tomara para "inchaço", receitados por Dona Maria dos Prazeres, curandeira afamada. E o pior é que João perdera seu porte másculo, a barriga lhe trouxera maneirismos, delicadezas de mulher. Chegando-se até a suspeitar de que João Ligeiro estivesse para dar à luz, hipótese já afastada depois que o vaqueiro se submeteu à um rigoroso exame com o Dr. Cazuzinho. Mas para o povo humilde e crente de Asa Branca esses fatos só estão acontecendo como castigo de Deus, ou porque o fim do mundo está próximo. As coisas estão nesse pé, quando um forasteiro chega à cidade. O grande número de malas que trás desperta a atenção de seu Corró, o Chefe da Estação Ferroviária. Seu Corró também tem a impressão de já tê-lo visto em alguma parte, mas não chega a reconhecê-lo. O estranho pede-lhe para guardar as malas na Estação enquanto decide onde vai hospedar-se. Retira apenas um embrulho e dirige-se à igreja. Encontra-a deserta. Vai ao alta-mor e aí coloca o objeto que trás no embrulho: um ostensório de ouro e pedras preciosas. Minutos depois, uma das beatas corre a chamar o padre, trêmula, a ponto de ter um colapso: o ostensório que fora roubado dezessete anos antes pelos bandidos aparecera sobre o alta-mor. Milagre! Só podia ser um milagre! O estranho percorre a cidade, vê o monumento recém-inaugurado e a equipe cinematográfica filmando uma cena da vida de Roque. Faz perguntas, cada vez mais intrigado, e por fim vai ter à fazenda da Viúva Porcina. Lá, identifica-se: é Roque Santeiro. Ela quase tem uma síncope. Apavorada, manda chamar Sinhôzinho Malta, que por sua vez chama o Prefeito e o Vigário. Todos estão boquiabertos porque agora descobrem toda a verdade: Roque não sómente não morrera, como nem sequer enfrentara aos malfeitores naquele dia, dezessete anos passados. Fugira com o dinheiro e o ostensório de ouro. Porque os bandidos não tinham atacado. Ele



simulara o ataque, sózinho que ficara na vila. No primeiro encontro que tivera com Navalhada, convencera o fascínora com a sua lábia a desistir da empreitada, pois nada havia naquela vila miserável que valesse uma bala. Durante todos aqueles anos, Roque estivera fora do país, vivendo uma vida de aventuras. Multiplicara o dinheiro roubado, enriquecera, mas sempre roído pelo remorso. Principalmente por ter roubado o ostensório. Voltava agora pensando em pedir perdão ao padre e redimir-se fazendo alguma coisa em prol daquela gente. Nada sabia do que se passara ali na sua ausência, por isso não fazia a menor idéia do que ía significar a sua volta para a cidade. Ao tomar conhecimento de que se transformara num mito, Roque fica tão perplexo quanto eles ao saberem saberem que está vivo.

Daí em diante, continuamos com as duas ações paralelas: o filme, a suposta vida de Roque Santeiro e o terrível problema criado com a sua volta. Inicialmente, apenas meia-dúzia de pessoas toma conhecimento disso, pois, enquanto decidem o que fazer, resolvem guardar segredo e mantê-lo afastado da cidade, na fazenda da Viúva Porcina. E a circunstância exige a revelação de outra farsa: Porcina e Roque jamais haviam se encontrado antes. Ela viera a Asa Branca, não à procura de um suposto marido, mas do próprio Sinhôzinho Malta, com quem iniciara um romance. Para evitar o escândalo e justificar perante a mulher a presença de Porcina na cidade, Malta inventara toda aquela estória, que se tornara ainda mais convincente depois que ele mandara forjar uma falsa certidão de casamento, que Porcina exibia aos incrédulos. Isso lhe possibilitara fixar residência no lugar, primeiro hospedando-se na própria casa do fazendeiro e depois num sítio que ele cedeu, sempre argumentando que se sentia no dever de amparar a viúva de um mártir. Muito viva e descontraída, Porcina se tornara, gradativamente, aproveitando-se da situação, a pessoa mais influente da cidade.

De início, Roque fica indignado com a farsa forjada pelo fazendeiro, que agora está de casamento marcado com Porcina, casamento que é



imediatamente sustado, embora, na verdade, não haja nenhum impecilho (Malta está viúvo e ela, de fato, é solteira). Mas a verdade não pode ser dita. Durante todos aqueles anos ela viveu do prestígio que lhe dava a sua condição de viúva de Roque Santeiro. A volta de Roque cria uma situação insolúvel e o transforma de réu em acusador. Pode metê-los na cadeia. Sinhôzinho Malta, Viúva Porcina e o Prefeito expõem a situação e procuram convencer Roque a deixar a cidade, voltar pra Europa. Explicam que a sua volta seria uma catástrofe para todos. A cidade, que cresceu à sombra de um mito, estaria condenada à morte, se viesse a conhecimento público que seu mártir era um criminoso, que seu santo milagreiro não passava de um patife, não morrera heróicamente, mas continuava cínicamente vivo. Além de ser uma vergonha para todos, importaria em incalculáveis prejuízos materiais. Bastaria citar o caso do aeroporto. A verba estava praticamente aprovada. E um dos grandes argumentos para conseguir a sua aprovação fora a grande afluência de romeiros e turistas ao local. E tudo isso cessaria se o mito heróico de Roque Santeiro fosse destruído. E Zé das Medalhas que comprara novas máquinas, caríssimas, como iria pagá-las, se perderia fatalmente a freguesia? E o filme? Mais de um bilhão investidos numa estória falsa (adeus sonho do Prefeito de candidatar-se ao Governo do Estado!) Com a revelação da verdade cessaria também a romaria, ninguém mais viria em busca da lama milagrosa e os hotéis teriam de fechar por falta de hóspedes. A cidade ficaria às moscas, imersa em sua vergonha. Mas nenhum argumento é capaz de convencer Roque a mudar seus planos. Veio para ficar, quer fazer alguma coisa para aliviar a sua consciência. E como o padre lhe diz que o telhado da igreja está ameaçando ruir, oferece-se para consertá-lo. Empolgado com a tarefa, resolve ir além: restaurar toda a igreja, construindo uma torre duas vezes maior que a atual. Contrata pedreiros e artistas e ele próprio faz o projeto, dirige as obras. Por outro lado, tomando conhecimento do filme que estão fazendo sobre a sua vida,



Roque se interessa e se empolga. O Diretor entra em atrito com o Produtor: este não quer dar mais dinheiro, pois o orçamento está estourado. Roque intervém, oferece-se para co-produzir. A situação fica ainda mais delicada, embora ele ainda esconda a sua verdadeira identidade.

Mas o segredo de sua volta vai sendo partilhado por um número cada vez maior de pessoas. Os interessados na preservação do segredo tratam de neutralizar ou diminuir as pessoas que ameaçam denunciar a verdade. Prisões, desaparecimentos ou mesmo assassinatos passam a ocorrer. Roque procura Mocinha, que fora de fato sua paixão de adolescente. Ela sofre tremenda emoção. Mas quando vai ao encontro do pai, o Beato Salú, êste se recusa a acreditar que esteja vivo. Afirma que aquele não é seu filho, mas Satanás disfarçado, que veio para destruir e perder a todos. E enlouquece.

A situação se complica cada vez mais. Além da torre da igreja, Roque pensa em construir uma Escola e um Hospital. É preciso detê-lo, pois a verdade não poderá ser ocultada por muito tempo. Roque é uma ameaça à cidade e a única maneira de salvá-la é eliminá-lo. É o que decide a Diretoria do Centro Cívico, convocada em sessão secreta por Sinhôzinho Malta. A sentença é lavrada por unanimidade, estando todos convencidos de que agem no interesse da comunidade. Se Roque não morrera, como devia, morreria agora. Se não defendera a cidade, a cidade se defenderia dele, matando-o, para sobreviver. Só que Roque fora, pouco a pouco, assumindo a personalidade que a lenda lhe atribuía. E agora estava convencido de que era de fato um herói.

Ao saber que Roque está condenado à morte, Porcina descobre que o ama. Alia-se ao Padre Hipólito e os dois tentam salvá-lo. Mocinha a esta altura também está contra ele, pois descobriu que é de Porcina que ele gosta. Roque sente que a cidade inteira quer liquidá-lo. A ameaça está no ar, no rosto de cada um, cada vez mais palpável. Consegue escapar de vários atentados. É quando surge na cidade, tendo cumprido pena e já regenerado, o bandido



Navalhada. O mesmo que chefiava o bando que atacou a vila dezessete anos antes. Não tivesse Roque confessado a farsa e seria ele a única pessoa em condições de desmascará-lo. Mas surge no momento preciso: os interessados na eliminação de Roque logo tratam de contratá-lo. Navalhada recebe dinheiro e armas fornecidos por Sinhôzinho Malta. E tal como na lenda, o encontro se dá em frente à igreja, na praça onde hoje se ergue o monumento a Roque Santeiro. Roque está no alto da torre, trabalhando, e escuta o desafio de Navalhada. Desce e enfrenta-o, de arma na mão. Só que desta vez leva a melhor e é o bandido que cai gravemente ferido.

Agora o segredo não pode mais ser mantido. Rapidamente a notícia se espalha pela cidade. Roque Santeirro surgira, vindo sabe Deus donde (do céu?) para castigar Navalhada. Essa hipótese é reforçada pelo desaparecimento de Roque naquela mesma noite. E ninguém ligou esse fato a outro desaparecimento, o da viúva Porcina ...

Roque chegara à conclusão de que alguns povos, pela sua imaturidade, realmente necessitam de mitos.

Embora não figure nos mapas oficiais, Asa Branca, terra natal de Roque Santeiro, é uma progressista cidade localizada no Coração do País, cortada pelo Rio Cajuarana.

O último censo lhe deu cerca de 20.000 habitantes e um índice de analfabetismo além dos 80%. O índice de mortalidade infantil é de 70% até à idade de 1 ano e a aspiração de vida está em torno dos 40 anos. Mesmo assim, nota-se um incipiente progresso. Asa Branca conta com quase uma centena de estabelecimentos de ensino primário e três de ensino médio, duas emissoras de Rádio (a Rádio Difusora de Asa Branca e a Rádio Hora Certa) e um Museu Sacro, onde se encontram, além de algumas relíquias do tempo da catequese jesuítica, a sala de ex-votos. Há um comércio bastante próspero principalmente de esculturas de barro, amuletos, medalhas e relíquias ligadas a Roque Santeiro. Três dos prédios da antiga Vila estão tombados pelo Patrimônio Histórico: o Paço Municipal, a Santa Casa de Misericórdia e a Igreja Matriz. Mas a parte moderna da cidade constitui três quartos de sua totalidade, pois o surto de progresso data de dezessete anos apenas. Tem telefone, muito embora as ligações sejam feitas pela telefonista. Conta com quatro hotéis, várias pensões e um cine-teatro. Vários restaurantes. A comunicação é feita por Estrada de Ferro ou Estrada de Rodagem, mas há um projeto de construção de um aeroporto. A arquitetura da cidade é colonial na parte velha e modernosa na parte nova. Nota-se uma população flutuante de romeiros e turistas domésticos. (Todos esses dados se referem à época de ação da novela, 1985). A criação de bovinos e suínos domina a região e houve época em que o garimpo atraiu alguns aventureiros.



## CENAS PRINCIPAIS

- 1 - CASA DA FAZENDA DA VIÚVA PORCINA
- 2 - CASA DA FAZENDA DE SINHÔZINHO MALTA
- 3 - CASA DE SEU FLÔ, O PREFEITO
- 4 - SAGUÃO DA POUSADA DO SOSSÊGO
- 5 - SALÃO IMPÉRIO (BARBEARIA)
- 6 - CENTRO CÍVICO ASABRANQUENSE
- 7 - BOATE SEXUS
- 8 - PREFEITURA
- 9 - OFICINA DE ZÉ DAS MEDALHAS (LOJA)
- 10 - DELEGACIA E CADEIA PÚBLICA
- 11 - SALA DE EX-VOTOS
- 12 - COLETORIA
- 13 - QUARTO NA POUSADA
- 14 - QUARTO DE PORCINA
- 15 - QUARTO DE S. MALTA
- 16 - QUARTO DE MOCINHA

## LOCAIS DE EXTERNAS

- 1 - PRAÇA COM JARDIM E MONUMENTO
- 2 - IGREJA (NA PRAÇA)
- 3 - FAZENDA DA VIÚVA PORCINA (COM LAGO ARTIFICIAL)
- 4 - FAZENDA DE SINHÔZINHO MALTA
- 5 - POUSADA DO SOSSÊGO (VELHO CASARÃO COM ASPECTO DE CONVENTO)
- 6 - RUA DE CIDADE PEQUENA
- 7 - RIO NÃO MUITO LARGO

ROQUE SANTEIRO

O apelido lhe viera de sua habilidade em modelar santos de barro ou esculpí-los em madeira, a canivete, um dom que a natureza lhe dera, pois não aprendera com ninguém. Desde menino gostava do ofício, que inicialmente fora interpretado pelo pai como uma vocação religiosa (Roque chegara a sacristão). Mais tarde, passou a ser seu meio de vida. Era um rapaz tímido, embora imaginoso, com talento para contar e inventar estórias. Perdeu a mãe muito cedo e o pai, Salustiano, vaqueiro, pouco se ocupara com a sua educação. Roque teve que se virar sózinho desde criança. Conseguiu completar o curso primário e o que aprendeu depois foi com o Padre Hipólito e com a própria vida. Tocava violão e gostava de cantar. Sabia de cor vários trechos de desafios famosos entre cantadores nordestinos. Mas seu grande sonho era sair de Asa Branca e correr mundo. Trazia dentro de si um impulso aventureiro, uma ânsia de voar, fruto talvez dos livros que o padre lhe dera pra ler, onde tomara conhecimento de outras terras, outros países que em nada se podiam comparar à sua pequena e miserável Asa Branca. Quando se viu com a sacola cheia de dinheiro pra dar ao bandido Navalhada, Roque foi tentado: com aquele dinheiro podia se largar pelo mundo e começar uma vida nova. Tudo dependia de sua habilidade e de sua imaginação.

Quando volta a Asa Branca, dezessete anos depois, Roque é outro homem. Vivido, viajado e remediado. Esteve na Argentina e outros países da América Latina. Morou também na Itália, viveu muitas aventuras. Mas como não era um canalha total, nunca conseguiu libertar-se de um certo remorso, mais por ter furtado o ostensório de ouro do que pelo dinheiro que surrupicara de Sinhôzinho Malta. Além desse desejo de redimir-se, trás também consigo uma vontade de fazer alguma coisa por sua cidade e sua gente. Pode empregar sua experiência e seu dinheiro num projeto qualquer que dê trabalho e melhore a vida dos outros. Isso se-



ria também uma maneira de aliviar a sua consciência.

Um traço fundamental da personalidade de Roque: ele é um grande mentiroso. Mas, apesar de tudo (o episódio famoso não foi seu único pecado), ainda é um puro.

### A VIÚVA PORCINA

Muito inteligente, apesar de ignorante, graças à farsa armada por Sinhôzinho Malta, Porcina tornou-se, dezessete anos após sua chegada a Asa Branca, a pessoa mais influente do lugar. E também a mais rica, depois de seu protetor. Bonita e de grande personalidade, é a verdadeira manda-chuva da cidade, elegendo deputados e até o Prefeito. Não passava de uma balconista quando Malta a conheceu. Agora, sua fazenda é uma das maiores da região e ela faz questão de ostentar sua riqueza e seu poderio. A suntuosidade de sua casa contrasta com a miséria da quase totalidade da população. Mas nessa ostentação há um tom de profundo mau-gosto. Ela se veste sempre como se fosse à Ópera e nos jardins de sua casa há cisnes e patos selvagens nadando num lago artificial que mandou construir. Servida por um batalhão de criados, que trata como escravos e às vezes manda espancar, sente que todo o seu império irá por água abaixo quando Roque ressurgir, vivo e desmistificado. Mas acaba se apaixonando por ele e tentando defendê-lo, quando percebe que vão matá-lo. Essa paixão a humaniza totalmente.

É o chefe político local, muito embora Porcina tenha, de fato, maior prestígio pessoal que ele. Malta, inteligentemente, usa esse prestígio em benefício próprio. Com justiça, aliás, pois foi todo construído por ele. Cinquentão, bem conservado, vaidoso, mulherego ao extremo, sua vida tem dois objetivos: mulheres e dinheiro. Além de seu casamento com Porcina, seu grande projeto é o aeroporto da cidade, que vai lhe render uma fortuna, pois adquiriu todas as terras à margem do campo. Não é o tipo clássico do velho coronel. Tem avião próprio e é um homem bem informado. Adora uma publicidade em torno do seu nome e se considera um homem elegante, muito embora seu gosto no trajar seja um tanto duvidoso. Tem paixão por Porcina, mas é ela quem força o casamento, que encontra a maior oposição por parte de Tânia. Malta adora a filha e sofre o drama. Esta não lhe perdoa o ter traído a mãe e julga-o culpado de sua morte prematura (ela suicidou-se com uma espingarda de caça e Malta fez passar o caso como acidente).

#### PADRE HIPÓLITO

Um típico padre do interior. O padre-povo. Paternal, às vezes, brigão, sem papas na língua, quando é preciso. Intransigente, retrógrado, defendendo rígidos padrões de comportamento, acreditando assim estar defendendo a religião. Não se perdoa o ter alugado o velho convento para Matilde fazer a Pousada. Mas sua maior luta é contra a boate sempre prestes a inaugurar.

É uma das poucas pessoas que conheceram Roque na juventude e que o reconheceu agora. Isto o coloca numa crise de consciência. Evidentemente, seu primeiro impulso é no sentido de denunciar a farsa. Mas os apelos de Sinhôzinho Malta, da Viúva Porcina e do Prefeito fazem com que prometa calar-se por algum tempo, até que se decida como resolver a situação. Como sempre foi contra



o culto a Roque, negando os supostos milagres, a revelação de que ele está vivo só vem reforçar seus pontos de vista. Mas os inúmeros interesses em jogo, as terríveis consequências da revelação da verdade o imobilizam. Não participa da conspiração final para eliminar Roque e procura defendê-lo quando percebe que está condenado à morte.

Apesar de seu dogmatismo. Sua oposição à corrente renovadora da Igreja, é profundamente simpático. Mesmo os seus acessos de indignação não deixam de ser engraçados. Porque, não só o seu temperamento de altos e baixos, como o seu comportamento também tem algo de contraditório. Quando as coisas ficam pretas, vai ao Bispo e relata o fato. O Bispo vai a Asa Branca e toma conhecimento da situação. Acha que o problema é muito delicado e que é preciso consultar o Cardeal.

#### SEU FLÔ, O PREFEITO

Caráter fraco, pusilânime, dominado inteiramente pela Viúva Porcina e por Sinhôzinho Malta, que o elegeram. Apesar disso, tem certas ambições políticas, que o filme vem incentivar. Antes de ser candidatar a Prefeito, era dono da melhor barbearia da cidade, o Salão Império, pois começou a sua vida como barbeiro. E é na barbearia que despacha, muitas vezes, enquanto fiscaliza o movimento.

#### DONA POMBINHA

Mulher do Prefeito, líder das beatas. Fanática, criando sérios problemas para o marido, que não está de acordo com a campanha que Padre Hipólito move contra a boate. Ao contrário de Flô, tem um temperamento forte, dominador.

## MOCINHA

Namorada de Roque à época de sua "morte". Sofreu grande desgosto ao saber que ele se casara secretamente com Porcina. Mas mesmo assim fez voto de castidade, jurou não se casar com ninguém. Como a mãe, muito chegada à igreja e ao padre Hipólito, faz parte das beatas que declararam guerra às mariposas. Histérica, costuma ter visões.

## ZÉ DAS MEDALHAS

É dono de uma pequena indústria que explora o mito de Roque Santeiro através da venda de medalhas com a sua efígie, camisas, amuletos, esculturas etc... Até então, um trabalho quase artesanal. Com o projeto do filme, prevendo uma grande procura, comprou uma máquina sofisticada, à prestação. Possui uma cadeia de lojas e é casado com Lugulina (Lulu), testemunha do primeiro milagre de Roque Santeiro.

## MATILDE

É dona da Pousada do Sossego e da Boate Sexus. Mulher livre, liberada, mas com uma conotação romântica. Gosta de cantar e dançar para os fregueses. Sua simples saída à rua, com suas "meninas", é uma agressão à cidade, que vê nelas a deterioração dos costumes. Matilde enfrenta a campanha do padre e a hostilidade da população moralista com um sorriso nos lábios, corajosamente. Muito humana e, no fundo, muito menos prostituída do que as "pessoas de respeito" da cidade. Desperta uma suspeita: por que teria se radicado ali, quando poderia ser bem melhor sucedida em seu negócio numa cidade maior? Será que foge de alguma coisa?



Ele encarna o papel de Roque Santeiro no filme e vê-se envolvido na trama real da estória. Como profissional, é um irresponsável, decorando as falas na hora da filmagem, chegando sempre atrasado e até mesmo inventando pretextos para se ausentar da cidade por um ou dois dias pra fazer uma farra. Aproveita-se das cenas de amor com Linda, despertando ciúmes no marido. Tem a preocupação de conquistar todas as mulheres "aproveitáveis" da cidade e passa da Viúva Porcina a Tânia, a filha de Sinhôzinho Malta. Com esta, a coisa é mais séria, o fazendeiro ameaça-o de morte e ele promete casar-se, embora seja casado, estando em processo de desquite. A mulher surge inesperadamente durante as filmagens e arma um escândalo que agita toda a cidade. Torna-se amigo de Roque, sem saber quem ele é. E quando sabe, curte terrivelmente a situação. Tem a aparência de um anarquista, mas no fundo é um ser carente de amor. Faz sempre a crítica da estória que está filmando, dissecando a figura do herói mítico, que considera ridícula e só possível no seio de povos subdesenvolvidos e desesperançados.

GERSON DO VALE

É o Diretor da fita. Jovem, inteligente, bem informado, tem em mira um filme para ganhar festivais. Mas sofre as costumeiras pressões do Produtor, que só tem por objetivo ganhar dinheiro. É um torturado, perfeccionista, em conflito com o mundo e consigo mesmo. Infelizmente, não consegue dar forma a dez por cento das idéias geniais que tem dentro da cabeça. Apaixona-se por todas as atrizes, mas não consegue conquistar nenhuma. Acaba sempre afogando suas mágoas nos braços da gorda maquiadora.

No fundo, uma boa moça, com deformações causadas pelo meio em que vive e tem de lutar. E também pelo marido-empresário, que a vigia constantemente, enciumado. Ganhou fama na televisão e está fazendo esse filme com entusiasmo, na esperança de poder realizar um trabalho artisticamente válido. Gerson se apaixona por ela durante as filmagens, mas ela resiste, com algumas hesitações. Hesita entre um marido super-chato e um neurótico que apenas transfere para ela o amor que tem pelo seu próprio trabalho de criação.

### O BEATO SALÚ

Pai de Roque. era vaqueiro quando se deu o trágico incidente. Abalado, teve uma crise de misticismo e acabou tornando-se beato. Construiu um casebre sobre estacas na margem do riacho e de lá não sai há dezessete anos. Os romeiros vão vê-lo e pedir conselhos. Ele os dá, em nome de seu filho-mártir. Quando descobre que Roque não morreu e toma conhecimento de toda a verdade, enlouquece. Recusa-se a aceitar a realidade. Afirma que aquele não é seu filho, mas Satanás disfarçado, que veio para destruir e perder a todos. Tem outro filho, com uma segunda mulher, João Ligeiro. Quando virou beato, largou a mulher e o filho pequeno, que foi criado na fazenda de Sinhôzinho.

### JOÃO LIGEIRO

Irmão de Roque por parte de pai e 20 anos mais jovem. Desde cedo aprendeu a montar e a manejar o laço. Sua agilidade valeu-lhe o apelido de João Ligeiro. Ninguém como ele para domar um burro bravo ou conduzir uma boiada.



Sua notoriedade advém do fato de ter escrito um folheto em versos alexandrinos, contando a história da cidade, da fundação ao episódio de Roque Santeiro. Esse folheto, fartamente ilustrado, foi publicado pela empresa oficial de turismo do Estado. É o orador de todas as cerimônias, Presidente do Centro Cívico Asabranquense, "Esse homem numa cidade adiantada, com esse talento, essa cultura..." Astromar curte uma velha paixão por Mocinha, a que jurou morrer donzela. Dedicou-lhe sonetos apaixonados no jornal da cidade, do qual é colaborador assíduo. Mas Mocinha, embora envaidecida, continua resistindo, sem desiludi-lo de todo. É uma das pessoas mais atingidas pela volta de Roque. E seu livro? Ele como historiador da cidade, não pode admitir a vergonha que será para todos os asabranquenses ter que negar todo o seu passado heróico. É ele quem leva o problema para discussão final no Centro Cívico, do qual fazem parte também o Juiz, o Padre Hipólito, o Chefe da Estação, Sinhôzinho Malta e outras personalidades. E é o Centro quem decide (contra o voto único de Padre Hipólito) que Roque deve morrer. Veste-se sempre de preto e usa gravata borboleta. Magro, pálido, olhos fundos, é um figura estranha. Muitos afirmam que ele vira lobisomem depois da meia-noite. E até provam mostrando as cascas de carangueijo perto de sua casa (carangueijo é o prato predileto dos lobisomens). Ele alimenta essa crença que dá notoriedade.

#### LUGOLINA (LULU)

Ela é casada com Zé das Medalhas. É a menina que "viu" Roque depois de morto. Tem agora 27 anos e é uma mulher muito estranha. O fato de ter tido a "visão", impõe que tenha uma vida oposta ao seu temperamento e às suas aspirações. Alguns acham que ela devia ter se recolhido a um convento. Ou pelo menos ter uma vida voltada para a religião, a igreja. Mas Lulu tem ânsia de vi-

ver, de gozar a vida. Gosta de se pintar, vestir bem, ir a festas, amar. Zé das Medalhas a reprime em tudo isso. Obriga-a a viver quase como uma prisioneira, em casa, cuidando dos filhos. E o problema de Lulu se agrava dia a dia. Seu sonho é ser uma atriz, uma cantora, ou quem sabe uma dançarina. Sua insatisfação sexual chega a limites explosivos. E Zé sofre, desespera, tendo de enfrentar o problema. Seus atritos chegam às vias de fato. Às vezes, ele é obrigado a trancá-la no quarto. Um dia, Zé não suporta mais e vai contar tudo ao Vigário, pedindo conselho. O Vigário vai falar com Lulu e ela se defende. Que culpa tem ela de ter tido aquela visão? Por causa disso deve sacrificar toda a sua vida? Não tem inclinação nenhuma para a religião, nem para uma vida caseira. Ama a vida e quer se divertir, viver! O padre lhe dá conselhos. Mas não adianta. Quando Roque aparece na cidade, Zé a põe em confissão: ele suspeita de que ela mentiu. Não teve visão nenhuma. Mas ela sustenta que um homem falou com ela. Só que agora, vendo Roque, ela acha que não foi ele. Na ocasião, ela também não conhecia Roque. Disse que tinha sido ele porque estava impressionada com os acontecimentos de semanas atrás. E queria que os pais não a castigassem por ter fugido de casa para ir banhar-se no rio. Lulu acaba traíndo Zé e fugindo de casa, para voltar depois. No fim, como ela seria mais uma testemunha da falsidade do mito e o mito é preciso ser mantido, Zé a mata.

#### NINA

Criada de Porcina. Criada fiel, confidente, cúmplice. 50 anos.



## SEU CORRÓ

Chefe do Correio e Vereador (da oposição?). Jogou futebol com Roque. Vangloria-se disso. O apelido vem de sua pequena estatura, seu físico atarracado.

## RODÉSIO

Empregado de Porcina. Subserviente, Porcina o trata como escravo. Ele guarda uma revolta surda quanto a isso. Revolta que é sufocada pelo sentimento de fidelidade canina.

## DECEMBRINO

Porteiro da Pousada. Nasceu no dia 1º de janeiro, mas como o nome já estava escolhido...

## DELEGADO FEIJÓ

Foi peão na fazenda de Saturnino Malta, pai de Sinhôzinho. Deve ter conhecido Roque, tem veleidades de ator, representou "O Mártir do Calvário" no Cine-Teatro Ideal e foi cumprimentado por Procópio Ferreira. Fazia o papel de Pilatos e disso muito se orgulha.

## TERÊNCIO

Capataz de Sinhôzinho Malta. Conhece Roque. Está com Sinhôzinho há muitos anos, desde os tempos do Coronel Saturnino.

## DONA MARCELINA

Mãe de Margarida. Tânia faz os estudos no Rio, morando com ela. Margarida foi para a casa dela quando abandonou o lar, um mes antes de morrer. Ela sabe que havia uma mulher entre a filha e Sinhôzinho, sabe agora que era Porcina. Desconfia de que o "acidente" está mal contado.

## TONINHO GILÓ

Jovem, muito esperto, é o guia, cicerone, da cidade, levando os turistas a percorre-la com um discurso decorado. Aproveita-se também da credibilidade dos romeiros vendendo objetos que afirma terem pertencido a Roque Santeiro.

## MARILDA

Aparenta 25 anos, bonita, temperamento forte. Era modelo de publicidade quando casou-se com Roberto. Estão separados há mais de dois anos. Ela moveu uma ação de desquite contra ele por abandono de lar. Tem uma pensão de 50% de tudo que ele ganha. Ele a abandonou durante a lua de mel, em Acapulco. Ele a acusa de pertencer a uma seita de adoradores do diabo. Po de ser exagero da parte dele.

## NAVALHADA

Famigerado traficante e assaltante de Bancos. Conseguiu fugir da prisão com mais seis comparsas. Novamente preso, foi condenado a 28 anos, cumpriu metade da pena e obteve liberdade condicional.



DR. CAZUZINHA

Velho médico, vive bêbedo. Não conheceu Roque, pois veio para a cidade depois do evento.